



A obra dos falsos apóstolos do proletariado

Temos mantido um prudente silêncio em torno das grosseiras manobras dos partidários da internacional da scisão. Os últimos escândalos da alta finança e o movimento revolucionário falido há pouco absorveram-nos todas as atenções, absorveram-nos ainda o espaço em que deveríamos responder aos soezes insultos dos homens da calçada da Graça e seus satélites.

Não tínhamos o direito, como jornal de combate, de abstrair da nossa crítica o escândalo máximo da sociedade portuguesa — o caso do Angola e Metrópole. Assistia-nos até o dever de castigar com o nosso azorrague o inimigo comum que apresentava como nunca o seu dôrso o castigo.

Se não fôra essa circunstância, já de há muito tempo que os falsos apóstolos do operariado nestas colunas teriam recebido a justa recompensa do seu criminoso gesto, já há muito tempo que a sinagoga da Graça teria passado devidamente pela fiera dos nossos comentários.

O que se não fez até aqui não quer dizer que não venha a fazer-se. Menos preocupados com outros assuntos de suma importância, vamos dedicar a necessária prosa aos propósitos dos divisionistas, cujos efeitos se assinalam já pelos principais centros industriais e rurais do país.

Antes, porém, de o fazermos, advertimos os que nos lerem de que procuraremos desviar as nossas apreciações do terreno bizantino onde os nossos adversários colocaram a discussão. Iremos direitos ao fim sem subtilezas ou atavios literários.

Principiaremos pela conferência

As deportações são uma afronta a todos os princípios e a todas as leis

O partido democrático ou o sr. António Maria da Silva, que é a mesma coisa, não emenda a mão, não arripa caminho: a marcha é sempre para a frente, para a ilegalidade, para a violência, para o crime. Senhor do tudo isto, proprietário absoluto do regime, ditador exclusivo da república proce de não dentro das leis mas dentro dos seus caprichos, servindo exclusivamente os seus ódios que são grandes, que são persistentes, que são vengos.

A força de que dispõe, mercê da lama que esparrinha na política e finanças não encontra na lei um entrave, no respeito pela vida humana, um obstáculo, na sua mentalidade estreita de leitor das inverosimilhanças criminais do «Rocambole» e na chalaca superficial e pornográfica do Paulo de Kock, não cabe um raciocínio capaz de o deter diante das monstruosidades que premedita. Caminha sempre em direcção ao arbítrio com a cega alucinação dum doido perverso e a obstinação inconsciente dum embriagado.

As deportações dos chefes do gorado movimento de Almada constituem uma afronta ao nosso espírito de justiça, uma humilhação infligida a todos aqueles que não nasceram com alma de escravo e subversões de lacaio.

Ninguém pode ser deportado, sem julgamento prévio. A condenação sem provas, sem o simulacro dum sentença é tão indigno como a conduta moral que caracterizou Diogo Alves e José do Telhado. Uma medida desta natureza revolta toda a gente que não negocia a sua consciência na rua dos Capelistas, deve revoltar mesmo os juizes que absolveram, «por falta de provas», na Sala do Risco, os implicados no 18 de Abril.

Comparemos as duas revoluções. A do 18 de Abril causou vítimas, interrompeu a vida normal do país durante semanas e fez pairar sobre Lisboa uma chuva intensa de granadas. Cheiaram os revoltosos homens de prestígio no exército e para que eles fossem derrotados os hospitais encheram-se de feridos e a Morgue de cadáveres. Quem comandou a revolta de Almada? Dois civis. A vida na cidade prosseguiu normalmente, pois mesmo os espâncamentos cometidos pela G. N. R. são o pão nosso de cada dia. Esta revolução não arrancou a vida a alhém. Decorreu quase sem derramamento de sangue, foi um episódio sem importância, um fracasso que só deu benefícios, e grandes, ao homem que governa Portugal, descrençoariamente, há mais dum dezena de anos.

Os de 18 de Abril foram metidos em prisões com um regime de encarceramento tão rigoroso que os presos fugiam com a mesma naturalidade com que qualquer de nós sai da sua residência. O julgamento veio rapidamente e a sua absolvição foi uma apoteose fulgurante, visto que o tribunal que os julgou fez, com eles, causa comum. Tratamento diferente aos vencidos das esquerdas — porquê? O delito, à face das leis, não é o mesmo? Essa mudança de tratamento usada para com os de Almada tornam as deportações, que já de si são odiosas, uma infâmia que só encontra precedentes naquela que foi cometida pelo governo de Vitorino Guimarães.

Não estamos defendendo a tentativa militar de Almada, nem isso seria possível sem traímos os nossos princípios e negarmos os nossos objectivos. Estamos atacando o arbítrio, demonstrando assim a autoridade moral que nos assistia quando protestámos contra as deportações para a Guiné. O que é mau para nós, não pode ser considerado bom contra os outros. Se amanhã uma reacção apoiada na inconsciência e nas espionadas das casernas expulsar violentamente

Enquanto Alves Ferreira examina cinzas de papéis, os responsáveis da grande burla enviam os seus delegados ao parlamento fazer discursos inacreditáveis

Enquanto o sr. Alves Ferreira — sempre arguto, sempre competente — arrepelando o cabelo (porque, a despeito da idade, Sua Excelência tem muito cabelo), se empenha todo em descobrir nas cinzas do papel queimado do Banco de Portugal, os vestígios decisivos da burla das notas de 500 escudos, os grandes criminosos, os cabecilhos do crime defendem-se, estabelecem a confusão, ocultam-se, apagam os sinais das suas deudas, disfarçam o rasto de seus passos.

O sr. Alves Ferreira, sempre competente, sempre arguto, de lente em punho, examina o papel para concluir que esse papel, como as notas, também era falso...

Entretanto, o *Século* vai conduzindo a manobra e no parlamento, o sr. Soares Branco, secretário geral do Banco de Portugal, travestido de deputado da nação, defensor do país, vai defendendo os inocentes do Banco emissor.

E as investigações prosseguem, esteja o povo descansado... E a verdade há de ser apurada, embora nada se tivesse adiantado... O juiz investigador não dorme — obra... já saiu uma tipografia e algumas cinzas...

Deixemos, pois, em paz as cinzas... do sr. Alves Ferreira e vamos ao discurso do sr. Soares Branco.

Uma comédia para as galerias

Há quem diga que o sr. Soares Branco falou, no parlamento, como deputado e não como secretário geral do Banco de Portugal, onde se tem cometido as maiores irregularidades. Nós, porém, e tôda a gente que tivesse escutado ou lido com atenção essa burilhada peça oratória, estamos convencidos de que o deputado... falou apenas como secretário geral do Banco.

E como o Banco tem cometido crimes, o sr. Soares Branco defendeu esses crimes, atacando a burla do Angola e Metrópole como se o próprio Banco de Portugal não estivesse nela implicado.

Estamos convencidos de que o sr. Soares Branco gastou algumas noites escrevendo e decorando o discursinho reles, que a Câmara, formada na sua maioria por criaturas que têm interesse em defender os maiores responsáveis da emissão clandestina, escutou com fingida atenção... para as galerias verem.

Tôda a gente que conhece o caso Angola e Metrópole e sabe que a responsabilidade principal da burla está no próprio Banco, que o sr. Branco representa no Parlamento, compreendeu que o interesse e a atenção dos deputados obedecia apenas a conveniências inconfessáveis. No seu íntimo, os que melhor atento prestaram e mais vivos aplausos prodigizaram, sabiam perfeitamente que o discurso do secretário geral do Banco suspeito, do Banco criminoso é literariamente inferior e, sob o ponto de vista moral, reles, baixo e indigno.

Os delegados dos negócios no Parlamento

Suou muito o sr. Soares para escrever aquela miséria. Perdeu o seu tempo. Tôda a gente viu que o orador era no Parlamento um delegado dos inocentes do Banco de Portugal, um homem que foi impingir o recado ao «seio da representação nacional» para que o povo se convencesse de que o Parlamento, composto por «criaturas insuspeitas», aplaudia a atitude «honestas» do Banco.

Mas infelizmente para o sr. Soares Branco, o povo já sabe que o Parlamento não é constituído por consciências livres, por criaturas independentes, que não possuam ligações públicas ou inconfessadas com a alta finança devoradora das energias do proletariado. O povo já sabe que os interesses da finança, dos industriais sordidos, do capitalismo tópico, que falam pela boca dos deputados. Aquilo é uma assemblea de delegados de vários sindicatos de exploradores insaciáveis — e o sr. Soares Branco é um desses delegados!

Para que foi essa farça do discurso? Para nos iludir? Mal empregado suor, sr. Soares, gasto a compor aquela porcaria!

O Branco podia ter sido mais claro...

Que quere o sr. Soares? Impingir-las. Ora, ora... Mas se ninguém o acredita nem aqueles que o aplaudem!

Andaria melhor o sr. Soares Branco se em vez de embrulhar em tantas flores de retórica as suas intenções não claras (para nós que as conhecemos...) dissesse logo, carretem, o que desejava. Então o seu discurso mais franco, menos alambicado, seria mais convincente e cairia em cheio na «alma da representação nacional». E diria simplesmente:

Senhor Presidente, Senhores Deputados: — E' preciso salvar o Banco de Portugal. Lá dentro há burlas e há burlões. V. Ex.ºs conhecem-nos. Elas são grandes, elas ainda maiores. Mas elas são nossos amigos, são bons rapazes, alguns até corréguinhos. Isto é o bastante para colocá-los acima de toda a suspeita. Cometemos algumas irregularidades na escrita, mas bem intencionadamente. Não havia outra maneira de salvar os rapazes de algumas loucuras cometidas Sejamos... bons e tolerantes. Fazemos de conta que ignoramos os desfalques do Lusi. Quaranta e quatro mil contos (44.000.000\$00) é uma ninharia... O Lusi não teve culpa e, na confusão das contas, coitado, é fácil escaparem quarenta e quatro mil contos... Eu não sei, meus senhores, fazer discursos. Perdoem-me V. Ex.ºs, mas sou sincero e sou amigo dos meus amigos.

Senhor Presidente, Senhores Deputados: — E' preciso salvar o Banco de Portugal. Lá dentro há burlas e há burlões. V. Ex.ºs conhecem-nos. Elas são grandes, elas ainda maiores. Mas elas são nossos amigos, são bons rapazes, alguns até corréguinhos. Isto é o bastante para colocá-los acima de toda a suspeita. Cometemos algumas irregularidades na escrita, mas bem intencionadamente. Não havia outra maneira de salvar os rapazes de algumas loucuras cometidas Sejamos... bons e tolerantes. Fazemos de conta que ignoramos os desfalques do Lusi. Quaranta e quatro mil contos (44.000.000\$00) é uma ninharia... O Lusi não teve culpa e, na confusão das contas, coitado, é fácil escaparem quarenta e quatro mil contos... Eu não sei, meus senhores, fazer discursos. Perdoem-me V. Ex.ºs, mas sou sincero e sou amigo dos meus amigos.

Uma modalidade do discurso do Soares

Senhor Presidente, Senhores Deputados: — Vamos o que importa. O Banco de Portugal está comprometido nesta questão das notas. Ah! maldição hora em que o vento de loucura soprou! Pobre Inocêncio... Teve aquela infelicidade nas águas de Monte Banzão, mas no fundo é um Inocêncio... Para salvar o Banco de Portugal, meus senhores, ele seria capaz de falsificar a sua própria assinatura! Quando mandou recolher as notas ilegais de 500 escudos elas não tencionava levar o Estado, creiam. Ele contava mais tarde pô-las outra vez em circulação... Meus senhores, o plano da frota das notas não lesava o Estado, repito, porque nós, lá no Banco, de quando em quando, tirámos para a circulação umas notinhas falsas que a extrema benevolência de V. Ex.ºs, Senhores Deputados, legalizou para nos salvar.

As conversas secretas que Inocêncio e Mota Gomes tiveram com o Alves dos Reis e as conferências no Hotel Claridge, tinham por base a salvação nacional. Nós somos patriotas (*e batendo no peito*) que ninguém duvide do nosso patriotismo. Quis a sinceridade que se descobrissem as notinhas falsas, embora nôs mesmos antes em nota oficiosa, afirmássemos que eram boas. Assim, o nosso patriótico plano foi por água abaixo. Que urge fazer? Enterrar os mortos — que são os homens presos e desacreditados pelas conveniências do *Século* — e salvar os vivos, que são os nossos amigos e os amigos da referida gazeta, que nossos amigos são. Salvemo-los, pois! Como? Malhando sem piedade sobre os que já estão perdidos; dando como ilegalmente constituido o Banco Angola e Metrópole que legalmente se fundou; aprovando uma lei unconstitutional, de forma a fazer reverter a favor do Banco de Portugal e dos nossos bons amigos, os bens do Banco Angola e Metrópole.

E esta fúria contra o Angola e Metrópole dará ao país a impressão de que fazemos justiça, de que somos inexoráveis para com os criminosos, quando na verdade apenas nos queremos salvar a nós, aproveitando o desmarchar da feira o que aproveitar se possa. Hein?

E agora ergamos um hino à honestidade, à probidade, ao crédito nunca desmentido da finança amiga e do Banco de Portugal que, só por patriotismo, comete o seu crime de vez em quando. Tenho dito.

E o sr. Soares Branco, muito aplaudido, limpando o suor da augusta fronte, volta ao Banco de Portugal a dar conta do recado ao Inocêncio, ao Mota Gomes, e ao pobre Lusi que anda muito arreliado com a campanha dos «bolchevistas» da *Batalha*.

O Século bateria as palmas de contentamento, chamando-lhe genial orador.

E o sr. Alves Ferreira, sempre arguto, sempre competente, continuaria a examinar as cinzas do papel... higiênico que hão de ser a coroa da grande obra que, por conta de António Maria, está obrando...

A próxima conferência do desarmamento nada fará, porque são profundas as divergências entre as grandes potências

Deve realizar-se este mês em Génova uma conferência internacional para o desarmamento, que, atendendo às divergências profundas existentes entre as grandes potências, nenhum resultado favorável poderá dar.

Parceiro evidente que os Estados Unidos desejam separar a discussão do desarmamento naval do desarmamento terrestre. A França, o Japão e a Itália, pelo contrário, não estão dispostos a consentir nessa separação, entendendo que o desarmamento deve ser considerado em conjunto.

Além disso, a França insiste com firmes

num exame ao potencial do armamento — recursos mediante os quais os países são sus-

ceptíveis de constituir um exército — de todos os países interessados.

Todas estas questões serão discutidas em Génova, e baseando-se elas na antagónismo de interesses dos diversos estados do mundo, está claro que os conferenciados em nôs chegarão a assentir de positivo, continuando nôs por isso a viver sob a ameaça de novas guerras, enquanto o povo não se dispuser a intervir a sério na questão.

A Alemanha e a sociedade das Nações

BERLIM, 5. — O governo alemão enviará na próxima segunda ou terça-feira, a Génova, o seu pedido de admissão na Sociedade das Nações.

Inéditos de Tolstoi

MOSCOW, 5. — O Museu Tolstoi vai publicar, dentro de pouco tempo, uma coleção de cartas inéditas do grande escritor,

cartas que vão de 1850 a 1861.

A acção perniciosa da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima

Em Santarém estão mais de 200 crianças, nas garras dum velha maníaca que pretende convertê-las em freiras e interná-las nos conventos de Espanha

reuche, que é hoje um coio reaccionário, onde existe um retiro espiritual destinado a fanatização de raparigas, foi o ponto escolhido por ambos para as suas entrevistas. O rei d'elos não é motivado pelas autoridades mas sim pelo espírito da população de Santarém que, avessa a estes conluios, podia um dia inquietá-los e até cau-sá-los um grande desastre.

Há tudo a recear da acção da viscondessa de Andaluz, a irmã Luisa, superiora da Congregação. E' uma mulher insensível que calcula todos os sentimentos humanos para viver dínicamente consagrada ao Deus químico e terrível, extravagante e tenebroso dos católicos. Um simples facto demonstra o grau de fanatismo a que ela desceu:

Há tempos comecei um acto que as extravagâncias morais do catolicismo consideram um pecado. Compungida, tomada dum grande aflição, mandou chamar tôdas as empregadas e alunas da congregação e das escolas a ela pertencentes e a quem confessou seu imaginário delito. Ajoelhada, pediu a tôdas elas, uma por cada vez, perdoado do seu delito involuntário. Isto entre a seita é considerado um gesto de humildade de que assegura, depois da morte, um lugar excelente, magnífico e destacado, no paraíso. E' fácil de concluir que uma mulher que a si mesma a este ponto se rebaja, não tem o menor vislumbre de piedade por ninguém, sacrificando tudo e todos, friamente, aos manejos clericais que se destinam a roubar raparigas ao convívio das famílias, a matar nelas todos os sentimentos humanos para as fazer freiras e a intimá-las depois nos conventos de Espanha.

A Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima está instalada em Santarém. E' sua superiora uma velha maníaca, sem nenhuma espécie de humanidade nas suas ações e que esmagou tudo o que é grande, belo e digno, tudo o que pode constituir a alegria de viver para executar, friamente, uma obra monstruosa. Referimo-nos à viscondessa de Andaluz, cujos 50 anos, cansados de viver, amargos, desiludidos lhe fizeram ganhar um ódio estranho e pertinaz a tôdas as manifestações normais da vida. Esta mulher não é lícida, podendo até ser considerada uma irresponsável.

Foi por isso o instrumento escolhido pelos reaccionários para surgir à frente da Congregação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Sugestionável e sugestionada, em excesso, é capaz de, sem nenhuma hesita

hega a ponto de atingir dez a doze por cento dos salários.

Por outro lado, os organismos sindicais não zelam o rigoroso cumprimento dos contratos de trabalho e das disposições estatutárias sindicais. Esta negligência agrava o desrespeito dos sindicatos e o consequente afastamento dos trabalhadores.

Nem nas eleições os operários poderão formular um protesto, sequer, plático. A lista oficial tem de aceita, ainda que a assembleia o não queira. As listas são previsivelmente formuladas nas células comunistas, às quais pertence uma fraca minoria de militantes. E as assembleias apenas rubricam, sem discussão, os acordos firmados em conciliábulos anteriores. Ordinariamente, as listas são votadas de chapa, sem se fazer a apresentação individual dos propostos.

E muito frequente o caso de os comités não apresentarem relatórios, mas, quando estes relatórios são apresentados, a sua leitura faz-se em meio de um grande silêncio, considerando-se logo aprovados. Igualmente, os membros dos comités são eleitos sem discussão, regra geral. Se algum sindicato faz valer o seu direito de crítica, sofre represálias e, às vezes, a pena de exclusão, do que deriva, quase sempre, a perda do emprego.

Perante a ameaça constante, todos se retraem na crítica, o que faz anular todo o interesse das assembleias, pois estas se limitam a aprovar documentos vários apenas sob a fórmula consagrada: «aprovado sem discussão».

Todos estes factos exprimem claramente a singularidade autocrata que se denuncia a indústria do proletariado.

Um comunista condenado

PARIS, 5.—O tribunal de Saintwazaire condenou o deputado comunista Cacimé en 15 meses de prisão e 2.000 francos de multa por causa da campanha anti-militarista por ele sustentada. (L.)

Ouivesaria e Joalharia

SANTOS CATITA, L. DA

R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido de objectos de ouro e prata e relógios das melhores marcas. Compram e pagam ao melhor preço ouro e prata para converter.

O poderio militar e naval da Itália

NEW-YORK, 5.—O New-York Herald publica um artigo sobre a potência militar naval da Itália, considerando-a capaz de impor respeito às outras potências e podendo mobilizar rapidamente 5 milhares de homens.

Este artigo tem causado certa sensação em diversos círculos.

Contra as missões presbiterianas

PEQUIM, 5.—Segundo notícias recebidas de Swatow, os estudantes comunistas chineses expulsaram os missionários ingleses do colégio Anglo-China.

Este acto parece ter sido o início dum campanha contra as missões presbiterianas visto as tropas chinesas se terem apoderado, por sua vez, de propriedades das missões de Chaochou.

NACIONAL

Este teatro, que, em todas as épocas do carnaval, bateu sempre o «record» da concorrência e em programas modelares ganhará este ano de novo o 1.º prémio, visto que se representa, amanhã, a irresistivelmente cónica «Mademoiselle Demónio», efectuando-se depois o 1.º baile de máscaras com surpresas de sensação.

Uma desumanidade!

António Ferreira, aquele preso que no forte de Monsanto há dias tentou contra a existência, encontra-se na enfermaria do Limoero. Como os padecimentos do pobre enfermo se tivessem agravado e aquela enfermaria não reunisse as condições exigidas para o tratamento que é mister fazer a António Ferreira, os médicos do forte de Monsanto e do Limoero, respectivamente, drs. sr. Lelo Portela e Corvinel Moreira Ferreira, emitiram a opinião de que o doente baixasse imediatamente ao hospital.

De harmonia com esta indicação o director da cadeia, dr. Pestana Júnior, ofício para Procuradoria Geral da República requereram a imediata hospitalização de António Ferreira.

Mas da Procuradoria até hoje ainda não veio nenhuma resposta e o desgraçado agoniza na enfermaria do Limoero com mais de 40 graus de febre.

Não assistirá a um preso, neste regime de democracia, o direito de hospitalização quando se encontram no estado de António Ferreira?

Um protesto dos trabalhadores ingleses

LONDRES, 5.—Os trabalhadores apresentaram uma moção na Câmara dos Comuns criticando as medidas governamentais contra a falta de trabalho, e pedindo a nacionalização da indústria britânica.

Uma democracia generosa...

BERLIM, 5.—Segundo uma comunicação feita à comissão jurídica do Reichstag, cinco membros da família Hohenzollern, entre os quais três filhos de Guillerme II, recebem pensões do governo da república alemã, na sua qualidade de antigos oficiais. Esta pensão atinge um montante anual de 45.000 marcos. O príncipe Henrique da Prússia, na sua qualidade de antigo almirante, recebe uma pensão de 17.000 marcos por ano. O ex-Kronprinz não recebe qualquer pensão.

O fascismo em crise

LONDRES, 5.—O «Daily News» diz que está iminente uma crise no seio do fascismo italiano e que essa crise poderia ter consequências bastante sérias. A causa desta dissidência seria um desentendimento entre os sr. Mussolini, Federzoni, e o secretário-geral Farinacci. Segundo informações particulares, o sr. Farinacci será obrigado dentro de pouco tempo a abandonar o seu cargo de secretário-geral do fascismo.

Um Inocêncio

ROMA, 5.—Foi passada ordem de captura contra o conhecido financeiro Lax Bandy, cujo Banco e várias empresas faliram, que se encontra no estrangeiro.

UM SUBLICATÓRIO INSACIÁVEL

Com esta epígrafe publicou *A Batalha* de terça-feira última uma queixa dum hóspede contra Manuel de Almeida, vulgo Manoel Rôla, aquele indivíduo que no 4.º andar do prédio n.º 78 da rua de São Paulo explora a indústria da hospedagem.

No dia seguinte procurou-nos o sr. Henrique Guedes, hóspede também do referido sublocatário, a afirmar-nos que a localizada era mentirosa e injusta, pois que o Manoel Rôla não era explorador, que era até benévole, etc., etc., e que por ser analfabeto o incumbia a ele de vir fazer o desmentido.

A pesar de não ser o interessado quem seria lógico, se nos dirigiu, e usando da isenção e lealdade que *A Batalha* costuma pôr nestes assuntos, prontificámo-nos a convidar o hóspede queixoso a comparecer na nossa redacção, anteontem, pelas 21 horas, para, na presença do sublocatário e do hóspede que o vinha defender se explicarem e nos habilitarem a rectificarmos se tanto fosse necessário. Aceite a nossa proposta, aguardámos. Qual não foi, porém, o espanto quando muito antes da hora marcada para esse encontro recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor: Sobre a conversa havida ontem acerca dumha notícias com o título «Um sublocatário insaciável», serve a presente para o informar que procurei o sr. Manuel de Almeida, mas em virtude dos seus muitos afazeres em Romeiras, não lhe é possível comparecer. Deixamos, pois, ao seu critério o desmentido, anuncianto no entanto que faremos publicar no *Diário de Notícias* um desmentido do qual tomamos a responsabilidade para não sair impune do seu gesto o autor da notícias.

Sen mais creia-me grato. — Henrique Guedes.

A noite, à hora combinada, compareceu o sr. Henrique Freire Rebocho, o hóspede queixoso Jacinta Maria Marques, que também foi hóspede do Manoel Rôla e vítima das suas prepotências.

As declarações por elas prestadas resultam a confirmação de tudo o que publicámos, excepto na importância da renda paga pelo sublocatário que é de 108 escudos, e não de 80 escudos como dissemos e na colocação da fechadura o que não foi na porta do quarto mas sim na da escada.

A ampliar o que referimos e como de demonstração do escopo moral de Manuel Rôla, o seguinte: O indivíduo em questão, aprovando-se do alojamento de sua irmã e seu cunhado—inquilinos de facto da casa a que hoje chama sua—arvorou-se em tutor dos ôrfãos, tratando de internar o mais pequeno na Casa Pia, levando os dois restantes para sua casa onde passou a infilhá-los maus tratos, adjunto de um dos ôrfãos, uma rapariga já crescida, ser forçada a lhe entregar-se à prostituição e tendo uma morte miserável.

Apostando-se por este meio e indevidamente da casa da rua de S. Paulo, fez trocas de alojamentos dos hóspedes e aumentou-lhes as rendas até cobrar, como já dissemos, a importância mensal de 550 escudos. Próprio nunca ali residiu, pois se limitou a reservar para si, durante algum tempo, um quarto de pouca permanência, onde praticava immoralidades tais que nos últimos tempos só nela esteve o sr. Henrique Guedes.

Atestar a veracidade do que atraç dizes de Manuel Rôla, procurou-nos outra pessoa de absoluta confiança a informar-nos que o mesmo inclito cidadão, valendo-se de que infinidades, se aposou por uma tuta e meia de uma casa da Câmara Municipal, na rua dos Jerônimos em Belém, onde também desalmadamente explorou alguns hóspedes.

Mais nos diz este nosso informador que este benemérito sublocatário é bem conhecido em Belém pela sua usura. Ora a *A Batalha* que não encobre patifes por mais beneméritos que elas finjam ser, mas faz neste caso o que presta um bom serviço às vítimas da falta de habitação e da usura dos proprietários e sublocatários.

Os novos impostos em França

PARIS, 5.—Os negociantes do centro da cidade, como sinal de protesto contra os novos impostos, encerraram ontem as suas portas, o que deu origem a conflitos com a polícia.

Federação Ferroviária

Participa os organismos sindicais que se encontra instalada no Largo de São Domingos, 11, 2.º, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

Um protesto dos trabalhadores ingleses

LONDRES, 5.—Os trabalhadores apresentaram uma moção na Câmara dos Comuns criticando as medidas governamentais contra a falta de trabalho, e pedindo a nacionalização da indústria britânica.

Uma democracia generosa...

BERLIM, 5.—Segundo uma comunicação feita à comissão jurídica do Reichstag, cinco membros da família Hohenzollern, entre os quais três filhos de Guillerme II, recebem pensões do governo da república alemã, na sua qualidade de antigos oficiais. Esta pensão atinge um montante anual de 45.000 marcos. O príncipe Henrique da Prússia, na sua qualidade de antigo almirante, recebe uma pensão de 17.000 marcos por ano. O ex-Kronprinz não recebe qualquer pensão.

O fascismo em crise

LONDRES, 5.—O «Daily News» diz que está iminente uma crise no seio do fascismo italiano e que essa crise poderia ter consequências bastante sérias. A causa desta dissidência seria um desentendimento entre os sr. Mussolini, Federzoni, e o secretário-geral Farinacci. Segundo informações particulares, o sr. Farinacci será obrigado dentro de pouco tempo a abandonar o seu cargo de secretário-geral do fascismo.

Um Inocêncio

ROMA, 5.—Foi passada ordem de captura contra o conhecido financeiro Lax Bandy, cujo Banco e várias empresas faliram, que se encontra no estrangeiro.

Teatro Nacional
HOJE: ÚLTIMO ESPECTACULO
COM A
AMANHÃ
O DRAMA
PREÇOS
Poupeiros: 1500
Coleiros: 1250
Superiores: 550
Varandas: 350
Geral: 250
50% de abatimento aos espectadores que compram bilhete de baile e de plateia para assistir ao espetáculo

M. ELLE DEMONIO
A SEVERA
AMANHÃ
1.º BAILE DE MÁSCARAS
ENTRADA 10\$00

Em Coimbra joga-se a batota descaradamente, com a indiferença absoluta das autoridades e da imprensa local

COIMBRA, 25.—Quando há dois meses

que vocês lhes dão importância! Devido à vossa atitude complacente de *caras unhas* e às relações que me proporciona o cartão de correspondente de diários, poderão não ser verdade?—continuar, tranquilamente, a exercer a rendosa profissão de *choca*. (Esta denominação aplica-se, segundo nos informam, em gíria dos batoteiros, aos pôntos que têm por missão arrastar os incautos àquelas «rateiras»).

—Sim, meu rico! Vai-se governando! Quem quer não seja *troux*? Deixem lá berrar *A Batalha*. Se, no entanto, a atmosfera se adensar, vamos lá dar um assalto-sítio—uma cossa pró-forma, só para bolejava-vos...

Isto teria dito a autoridade interpelada.

Tão seguros estão os batoteiros de não serem incomodados pela polícia, que não possuem, sequer, *vigias*, limitando o seu pessoal a *choca* (para este mister só sempre eleitos indivíduos bem relacionados) e *faróis* (os que jogam com o dinheiro da banca, estimulando assim a jogar os «mimos»).

Não sucedeu assim.

Aos nossos ouvidos tem chegado nos últimos dias um corno indignado de vozes denunciando-nos a improlixaidade da nossa campanha que o mesmo é dizer, a continuação da batota nesta cidade, sob os olhares complacentes das autoridades, que tanto sabem.

Quisemos pessoalmente intervir-nos da verdade.

Dirigimo-nos ao café Montanha, por cima do qual funciona a batota — local indicado pelos nossos informadores.

Entrámos.

Ali jogava-se o monte a banca francesa e outros jogos que a tei também profere.

Vimos ali moços estudantes, empregados no comércio, empregados públicos, oficiais do exército — uns viciados e outros a serem iniciados na senda do Vício.

Saímos ali enjoados, revoltados, com tanta infâmia, pensando tristemente nas dolorosas, famílicas lágrimas de muitas famílias, cujos cheques deixaram ali os seus maiores encantos recebidos ao fim do mês de árduras canceiras.

— Não preocupe-se, é para quê?

A polícia incomoda-os há? A imprensa?

Ali jogava-se o monte a banca francesa e outros jogos que a tei também profere.

— Não preocupe-se, é para quê?

A imprensa local não protestará — falta outro motivo, por uma questão de solidariedade jornalística...

— Sabem porque nos ocorrem agora a solidariedade jornalística?

Contemos: Quando há tempos denunciámos aos leitores de *A Batalha* a existência de batota desenfreada, em Coimbra, aludimos a que vivem sómente dos parceiros rendimentos, dumas correspondências para os jornais (l.) — bôrnis viventes que, olhem, os bolchevistas com um surrisivo de desprezo, se permitem discorrer sobre moral, e pulam por ai as pedras das calçadas, impentes de desvergonha e sem incômodo de maior...

... E trazendo desvendado o mistério da vida de *conspicuos* e *honrados* cidadãos que vivem sómente dos parceiros rendimentos, dumas correspondências para os jornais (l.) — bôrnis viventes que, olhem, os bolchevistas com um surrisivo de desprezo, se permitem discorrer sobre moral, e pulam por ai as pedras das calçadas — que, para justificar o seu modo de vida, se faz passar por estudante — para... nos declarar que era ele o alvejado, lamentando que não era, correspondente de *A Batalha*, denunciando-o e a outros representantes de diários, não cultívamos o nobre sentimento de solidariedade jornalística.

... E trazendo desvendado o mistério da vida de *conspicuos* e *honrados* cidadãos que vivem sómente dos parceiros rendimentos, dumas correspondências para os jornais (l.) — bôrnis viventes que, olhem, os bolchevistas com um surrisivo de desprezo, se permitem discorrer sobre moral, e pulam por ai as pedras das calçadas — que, para justificar o seu modo de vida, se faz passar por estudante — para... nos declarar que era ele o alvejado, lamentando que não era, correspondente de *A Batalha*, denunciando-o e a outros representantes de diários, não cultívamos o nobre sentimento de solidariedade jornalística.

... E trazendo desvendado o mistério da vida de *conspicuos* e *honrados* cidadãos que vivem sómente dos parceiros rendimentos, dumas correspondências para os jornais (l.) — bôrnis viventes que, olhem, os bolchevistas com um surrisivo de desprezo, se permitem discorrer sobre moral, e pulam por ai as pedras das calçadas — que, para justificar o seu modo de vida, se faz passar por estudante — para... nos declarar que era ele o alvejado, lamentando que não era, correspondente de *A Batalha*, denunciando-o e a outros representantes de diários, não cultívamos o nobre sentimento de solidariedade jornalística.

... E trazendo desvendado o mistério da vida de *conspicuos* e *honrados* cidadãos que vivem sómente dos parceiros rendimentos, dumas correspondências para os jornais (l.) — bôrnis viventes que, olhem, os bolchevistas com um surrisivo de desprezo, se permitem discorrer sobre moral, e pulam por ai as pedras das calçadas — que

MARCO POSTAL

Alves Pereira.—Porto.—Responda com urgência ao ofício da comissão do universitário.

AGENDA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	2	12	19	26	Aparece às 7,39
S.	3	13	20	27	Desaparece às 18,03
D.	4	14	21	28	IASES DA LUA
S.	5	15	22	—	L.C. dia 27 às 16,51
T.	6	16	23	—	Q.M. 5 2,25
2.	7	17	24	—	L.N. 2 12 27,20
3.	8	18	25	—	C.C. 7 12,36

MARES DE HOJE

Praiamar às 8,23 e às 8,57
Eaixamar às 1,25 e às 1,53

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	9475	
Madrid cheque	2877,5	
Paris, cheque	873,5	
Suíça	377	
Bruxelas cheque	89	
New-York	1955	
Amsterdão	786	
Itália, cheque	78,5	
Brasil	2900	
Praga	58,5	
Suécia, cheque	52,5	
Austrália, cheque	270	
Berlim	466	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Festenel.—Ás 21,15—Mademoiselle Demônio.
Elmundo.—Ás 21,15—Tia Andreia.
Ipote.—Ás 21,15—O Saltimbancos.
Trindade.—Ás 21,15—Las Matavilhosas.
Pettineira.—Ás 21,30—«Nô te melindres, Beatriz.
Sto Luis.—Ás 21,15—A Moça de Campinhos.
Trenton.—Ás 21,15—O Pão de Ló.
Elen.—Ás 20,30 e 22,45—As onze mil virgens.
Mário Vitorio.—Ás 20,30 e 22,30—Foot-Ball.
Coliseu.—Ás 21—Grande companhia de circo.
Sélo 95.—Ás 9,15—Pom Pom.
Cinema 11 (Vicente da Graça)—Espectáculos às 3,30
2,30, sábados e domingos com matinée.
Livraria Leite—Todas as noites. Concertos e discursos.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terreiro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tertóis—Cine Paris.

Pedras Metal Auer

para isqueiros, assim como rodas e molas, vendem-se no

Lata, do Conde Barão

Una duzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 25\$00

Largo do Conde Barão, 55

LIMAS NACIONAIS Só grande farta de propaganda tem a que aí se vê, e a que assim haja que se consumam em Portugal limas estrangeiras visto que as limas marca

Touro, da Empresa de Limas, e a que se encontra a venda em todos os bons estabelecimentos de ferramentas para

Guerra aos parasitas

"ÁTILA"

O melhor produto para a limpeza da cabeça e higiene do corpo. Resultado rápido e eficaz na extinção dos parasitas.

Frasco—2\$50

A venda nas boas casas

Depósito em Lisboa:

Drogaria J. Pimenta, Rua do Alecrim, 84.

Drogaria Vitória Simões & Teixeira, Rua dos Fanqueiros, 236.

Drogaria Ribeiro & Branco, Rua Silva e Albuquerque, 75.

CARNAVAL

Não aluguem V. Ex.** costumes de máscara sem vêr o sortimento todo novo do Moderno Guarda-Roupa

LEITÃO

Telefone C. 2888

Rua do Norte, 83, 1.º

6-2-1926 seu grupo ser só composto de seis pessoas, combinaram, como medida prudente, só penetrarem em Paris a dois e dois: primeiramente João Dubourg e Laforgue; depois a Catela e seu cunhado; finalmente, Justino e Cristiano.

Assim a sua entrada não deveria despertar atenção, segundo supunham; pois já os camponeses que fornecem legumes e frutas para os mercados se dirigiam aos bairros para a porta da cidade com um numeroso seguimento de carroças.

Justino e Cristiano, em breve separados de seus amigos no meio dessa infinidade de carros, achavam-se já apenas a alguns passos da abóbada do baluarte, quando ouviram grandes clamores e estas palavras repetidas por uma multidão de vozes:

«Luteranos! Luteranos! Morram os herejes!»

Um cruel presentimento penetrou no espírito de Cristiano e de seu companheiro; os seus amigos, que os precediam, sem dúvida, foram reconhecidos e prenderam à porta de Montmartre. Tentar socorrê-los, era expor-se a partilhar sua sorte sem esperança de auxiliar a sua libertação.

— Não tentemos entrar em Paris a estas horas, — disse Justino a Cristiano, — somos tipógrafos da imprensa do sr. Roberto Etienne, e isso é o suficiente para sermos suspeitos de heresia... Esse tal Gainier, o espião do tenente criminal, sem dúvida deu os nossos sinais à sua gente... O melhor é darmos a volta ao baluarte para entrarmos pela bastilha de Santo António; essa porta acha-se tão afastada de Montmartre, que talvez não dessem alarme desse lado...

— Minha mulher e meus filhos estariam numa inquietação mortal se me não vissem esta manhã em casa, — respondeu Cristiano; — vou tentar passar no meio do tumulto que infelizmente para os nossos amigos aumenta... Ouves aquelas imprecações?

— Não quero arriscar-me a um perigo... Adeus, Cristiano, não tenho mulher nem filhos, a minha ausência por muito prolongada que seja não inquietaria ninguém; prefiro alcançar a bastilha de Santo António.

LA KABILINE

Tintas francesas para tingir em casa

Agentes em Lisboa:

G. Pouymayou, L. da ARCO DE JESUS, 3 (Ao Campo das Cebolas)

Sub-agente no Pórtico:

Pinto de Faria & Filho, L. da Rua do Bomjardim, 766

Precisam-se sub-agentes em: Santarém, Coimbra, Figueira da Foz, Caldas da Rainha, Mora, Moura, Evora, Vila Viçosa, Faro e Beja.

Policlínica da Rua do Ouro Entrada: Rua do Carmo, 98 Telefone N. 5353

Medicina, cirurgia e patologias—Dr. Armando Narciso, às 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar.

Arterias, rins, urinárias—Dr. Miguel Magalhães

10 horas.

Febre e sifilis—Dr. Correia Piqueiredo—II e III e 5 horas.

Doença nervosa, electroterapia—Dr. R. 12 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos

2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira

12 horas.

Estomachos—Dr. Mendes Belo

12 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva

2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso

12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma

4 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.

Centro e rádio—Dr. Cabral de Melo

4 horas.

Analises—Dr. Gabriela Besto—1 hora.

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

fone, 5330, N. 1 gramas, F. 2422613

34, R. DO IMPÉRIO, 86—LISBOA — TELE

